

## RESENHAS

**CORDEIRO, Graça Índias & VIDAL, Frédéric (orgs.). 2008. *A Rua: espaço, tempo, sociabilidade*. Lisboa: Livros Horizonte.**

---

**Julia O'Donnell**

Doutoranda do PPGAS/UFRJ

Em *A alma encantadora das ruas*, livro publicado em 1909, o cronista e repórter João do Rio atentava para a dimensão social do espaço urbano, articulando com maestria observação e acuidade analítica. Em um trecho especialmente revelador, o leitor é alertado para o fato de que “nas grandes cidades a rua passa a criar o seu tipo, a plasmar o moral dos seus habitantes, a inocular-lhes misteriosamente gostos, costumes, hábitos, modos, opiniões políticas”. E, mais adiante, o autor arremata: “A rua fatalmente cria o seu tipo urbano como a estrada criou o tipo social” (1909:7). Tais considerações, traçadas por um dos mais célebres observadores e narradores do processo de urbanização por que passou o Rio de Janeiro do início do século XX, deixam clara a simbiose simbólica entre termos como “rua”, “cidade” e “urbano” e, não em menor medida, suas relações com o mundo social.

Mas João do Rio definitivamente não estava sozinho. Fosse na literatura ou nas ciências sociais, no Brasil ou no além-

mar, o mundo ocidental entrava no novo século atento à dinâmica, às tensões e aos deslumbramentos trazidos pelo avanço do fenômeno urbano. Hoje, passados cem anos das palavras do cronista, a cidade segue como protagonista de um amplo e variado leque de análises que, na sua heterogeneidade, expõe a inesgotável complexidade do ambiente urbano como mote privilegiado para a reflexão social.

É nesse cenário marcado pela diversidade que a publicação da coletânea *A Rua: espaço, tempo e sociabilidade* surge como uma grata surpresa aos interessados nos estudos urbanos. Organizado pelos pesquisadores Graça Índias Cordeiro e Frédéric Vidal, respectivamente antropóloga e historiador do ISCTE de Lisboa, o livro tem, já na sua origem, um declarado compromisso com a interdisciplinaridade – e nisso reside, em grande medida, seu maior trunfo num campo de estudos já tão intensamente explorado.

Abraçando a pluralidade como ponto de partida, o livro enfrenta com coragem a difícil tarefa de cercar um objeto fugidio como a cidade a partir de diferentes matrizes e perspectivas sem ceder, no entanto, ao iminente risco da fragmentação. Tal logro se deve, em grande medida, à escolha de um eixo comum aos dez textos que compõem a coletânea – o espaço físico e simbólico da rua – opção justificada já na frase que abre o livro: “Falar da rua é falar da cidade”.

Engana-se, entretanto, quem espera encontrar ali trabalhos com objetos e argumentos em diálogo, numa tentativa de exploração interdisciplinar feita em cada um dos textos. A unidade do livro encontra-se antes no seu próprio conjunto final, amalgamado pela adoção da rua como *perspectiva* privilegiada de análise, ou como, nas palavras dos organizadores, "lugar estratégico para a observação da vida citadina e urbana". Assim, mais que um objeto uníssono, a rua é aqui abraçada como uma porta de entrada às multiplicidades da dinâmica urbana, servindo mais como lente (que se presta a uma observação da cidade "a partir de baixo e de dentro") do que como sugestão temática. Nesse sentido, o livro adota (declaradamente) a etnografia como ponto de partida epistemológico, revelando a elasticidade e a fertilidade de seus usos em análises que ultrapassam o universo disciplinar da antropologia. Em tempos de um debate já tantas vezes esgarçado sobre os limites do método antropológico, tal iniciativa não poderia ser mais bem-vinda.

Mas a adoção da etnografia como veículo metodológico capaz de reunir objetos e análises variados não se esgota neste livro na sugestão de um corpo de procedimentos e técnicas. Ela se presta, acima de tudo, como fio condutor de uma preocupação comum entre os autores de não reificar a rua como realidade física e social *a priori*. A etnografia emerge assim, nesse conjunto de textos, como meio de acesso à rua como ambiente de interações citadinas, pensada sempre na escala de quem a pratica, de quem a significa. Tal como sugerido por João do Rio, a rua aparece na coletânea como realidade social e dinâmica, oferecendo-se como objeto de observação apenas àqueles dispostos a percorrerem-na nos seus múltiplos caminhos, personagens, situações.

Por tais razões, o compromisso de *A Rua* com a interdisciplinaridade acaba por propor novas perspectivas acerca desta palavra que, já tornada um princípio em tantas searas dos estudos sociais, muitas vezes se esgota num mecanicismo infértil. Antropologia, história, sociologia e arquitetura entram em cena nesta obra reunidas por um interesse (o espaço físico e social representado e materializado pela rua) e por uma perspectiva ("de perto, em situação"), sem deixarem de lado, no entanto, seus contornos disciplinares específicos.

Dos dez artigos reunidos na coletânea, cinco são de autoria de antropólogos. Num diálogo mais próximo da proposta francamente etnográfica exposta na introdução dos organizadores, a parcela antropológica da coletânea é uma boa prova de que a abordagem de um mesmo universo temático (a vida urbana) através de uma mesma matriz disciplinar não implica, de forma alguma, homogeneidade. Longe de glosarem sobre um mesmo mote teórico e metodológico, os cinco textos revelam a variedade de formas e caminhos pelas quais responde a antropologia urbana nos dias de hoje.

O texto que abre a coletânea, do antropólogo Michel Agier, por exemplo, explode o conceito de rua e de sociabilidade urbana no seu sentido estrito, numa boa entrada à proposta polissêmica do livro. Em tom militante, o autor questiona a validade do modelo da "cidade histórica" para a análise das realidades urbanas atuais, permeadas pelo trânsito identitário de imigrantes, exilados e refugiados. Agier apresenta uma ideia de espaço urbano observável através dos deslocamentos e das mobilidades, sugerindo um entrelaçamento analítico entre a (precária) materialidade dos espaços surgidos desses movimentos e a (re)produção simbólica de novas iden-

tidades. É nesse sentido que ele propõe uma “etnografia dos lugares desta mobilidade” (ou uma “etnologia urbana dos campos de refugiados”), defendendo o registro do que identifica como novas lógicas urbanas em gestação. A rua aparece ali inominada, como entrecruzamento da cidade material com as muitas formas de organização social e cultural que a compõem, mostrando que a dinâmica urbana é, sobretudo, plural.

Em proposta diametralmente oposta, o antropólogo norte-americano Tim Sieber discute a rua tomada em seu sentido mais literal (e material), numa comparação entre o que acredita serem os tipos de sociabilidade pública de seu país e da Europa do Sul. Já a pesquisadora portuguesa Susana Durão apresenta os resultados de sua etnografia junto aos policiais lisboetas, articulando uma interessantíssima discussão acerca dos usos sociais da cartografia urbana. Atenta ao caráter criativo da vida cotidiana, a autora mostra a territorialização peculiar da cidade por parte de seus nativos, explorando a dimensão subjetiva da produção de ordens socioespaciais por meio de classificações morais.

Também feita de intenso trabalho de campo, a pesquisa de Rita D’Ávila volta-se para o potencial transformador da rua para analisar as interações da comunidade hindu num bairro de Lisboa. A rua emerge deste texto como locus da diferenciação cultural, perspectiva também explorada por Joan J. Pujadas em seu trabalho comparativo entre dois bairros – Madragoa, em Lisboa, e Raval, em Barcelona – por ele tomados como testemunhas materiais e sociais do processo de crescimento da cidade ao longo das últimas décadas.

Abrindo espaço para a história, três textos oferecem uma leitura das ruas a partir de uma alteridade temporalmente defini-

da. O trabalho de Maurizio Gribaudo, um dos pontos altos da coletânea, revisita o já tão frequentado tema das transformações urbanas de Paris no século XIX, buscando desconstruir a imagem amorfa a que ficou condenada a Paris não-*boulevardiana*. A partir de fragmentos de discursos técnicos e artísticos, o autor resgata a complexidade de papéis e representações sociais do antigo centro, numa cuidadosa crítica à perigosa (e recorrente) fórmula “modernidade x marginalidade”.

Com o olhar lançado sobre a Lisboa do século XIX, Frédéric Vidal analisa o processo de identificação domiciliar como porta de entrada privilegiada às dimensões simbólicas da cartografia urbana. Munido de uma documentação variada, o historiador discute as transformações nas formas de declaração das moradias, apresentando a rua como lugar de negociação (e tensão) entre a lógica da administração formal e a lógica da interação cotidiana. O estudo aponta para a necessidade de desnaturalização (e historicização) da centralidade da rua na análise do fenômeno urbano, numa valiosa proposta teórica que sugere a superação da dualidade físico/social no estudo das cidades. Situado no mesmo período, o texto seguinte, de Fátima Sá e Melo Ferreira, debruça-se sobre a história política de Portugal, analisando a rua como espaço de embates entre distintas simbologias de poder a partir do resgate de festas e rituais revolucionários e contrarrevolucionários.

A perspectiva arquitetônica aparece contemplada no estudo de Mônica Farina, que explora as relações de vizinhança num conjunto habitacional popular em Lisboa. O artigo relaciona a morfologia do espaço e as práticas da vida cotidiana, contrapondo a cultura dos arquitetos e urbanistas à cultura dos habitantes que dinamizam o espaço projetado. O urba-

nismo é também central no artigo de João Pedro Silva Nunes e Luís Vicente Baptista, que traçam uma reflexão sociológica sobre o *fazer* da cidade a partir de dois modelos de concepção e materialização das ruas. Os autores discutem a rua como centro de um debate que vai progressivamente sendo abraçado por mecanismos técnicos e administrativos, atentando para a importância do diálogo entre as formas urbanas e as ações sociais das quais são fruto.

Percebe-se, portanto, que *A Rua* opta abertamente pela análise da cidade pelo viés da experiência ou, melhor dizendo, *das experiências* – numa pluralidade que é em si a marca deste livro. Se os artigos não são todos igualmente férteis em propostas e diálogos, o conjunto da coletânea garante uma leitura inspiradora aos interessados pelos temas urbanos de maneira geral. Afinal, o livro, na sua proposta e na sua forma, faz jus à natureza de seu universo temático: plural, sem ser fragmentado. Resta torcer para que o intercâmbio bibliográfico entre Brasil e Portugal ganhe sem tardar mais assiduidade.